

Mesa Redonda

VIII REA

VII REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA - REA:
MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS E DIÁSPORAS: VIOLAÇÕES DE
DIREITOS

<https://www.even3.com.br/7rea/>

abril/2022

Antropologia e Artes Visuais:

Visualidades na fotografia e ampliações de vocabulário no ensino de

Antropologia

DATA: Terça-feira, 26 de abril de 2022

horário 16h- 19h

(Lembramos a todos que as atividades do evento seguirão o horário local (**Roraima/Amazonas**), uma hora a menos do horário de Brasília)

Proponentes:

Cristina Maria da Silva - UFCE

Fabiana Bruno – UNICAMP

Marcela Bonfim – Amazônia Negra - Convidada

Mariana Petroni – UNILAB-BA – Debatedora

Sylvia Caiuby (2021), refletindo sobre a sensibilidade do olhar e o trabalho antropológico, destaca o fato de que ninguém consegue ver com olhos destituídos das concepções de seu tempo e sua cultura, mas que, por outro lado, quanto mais amplo nosso repertório mais conseguimos ver. José Saramago no documentário “Língua: vidas em português”, afirma que quanto mais palavras soubermos mais amplo será o nosso vocabulário. Ocorre o mesmo com as camadas de visualidade que as fotografias nos permitem acessar? Distância e proximidade seriam tão importantes para a Antropologia quanto para a fotografia?

A linguagem fotográfica dialoga com a reflexão antropológica, principalmente, como forma de experimentação de novas estruturas narrativas que auxiliem no ensino da disciplina. A fotografia

nos coloca diante de camadas que nos permitem reorganizar visualidades étnicas, de gênero, geração, de classe. A fotografia não é só luz, afirma Marcela Bonfim, ela também é sombra, escuridão e desconhecimento, por isso que ela é pedagógica. A câmera não faz nada sozinha, ela se vincula ao modo como olhamos as relações. Permitimos que as imagens tragam as “coisas à plenitude da presença”, Ingold (2018) quando ensinamos Antropologia? Talvez, “tal como a etnografia, a fotografia nos dá a sensação de incompletude, nem uma nem outra abarcam tudo, são sempre fragmentárias, recortam um campo sobre o qual se aprofundam, num mergulho que é, ao mesmo tempo, sensível e inteligível.” (Caiuby, 2021, p.7).

RESUMO SUBMETIDO:

Sylvia Caiuby refletindo sobre a sensibilidade do olhar e o trabalho antropológico, aponta como ninguém consegue ver com olhos destituídos das concepções de seu tempo e sua cultura, mas que, por outro lado, quanto mais amplo nosso repertório mais conseguimos ver. José Saramago em “Língua: vidas em português”, afirma que quanto mais palavras soubermos mais amplo será o nosso vocabulário. Ocorre o mesmo com as camadas de visualidade que as fotografias nos permitem acessar?

A fotografia dialoga com a antropologia como forma de experimentação de novas estruturas narrativas que auxiliem no ensino da disciplina. A fotografia nos coloca diante de camadas que nos permitem reorganizar visualidades étnicas, de gênero, geração, de classe. A fotografia não é só luz, afirma Marcela Bonfim, ela também é sombra, escuridão e desconhecimento, por isso que ela é pedagógica. Mostra-nos como olhamos as relações. Permitimos que as imagens tragam as “coisas à plenitude da presença”, Ingold (2018) quando ensinamos Antropologia? Talvez, “tal como a etnografia, a fotografia nos dá a sensação de incompletude, nem uma nem outra abarcam tudo, são sempre fragmentárias, recortam um campo sobre o qual se aprofundam, num mergulho que é, ao mesmo tempo, sensível e inteligível.” (Caiuby, 2021, p.7).

Palavras-Chave:

Antropologia; Artes Visuais; Ensino; Estratégias pedagógicas

